Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.° 35 | Domingo 27 de agosto | 1893

CONDE DE VALBOM

O sr. conselheiro Antonio de Serpa, n'um artigo publicado ha bons dez annos e que ficou memoravel como protesto contra as tentativas de reivindicação do velho partido conservador, notava que as novas gerações tivessem tendencia manifesta para esquecerem com facilidade as abnegações e os sacrificios que havia custado a obra da liberdade e que, gosando os seus beneficios e as suas vantagens, não avaliassem bem o seu valor. Tinha razão o illustre escriptor e notavel parlamentar. Nós esquecemos facilmente o passado e, na posse inestimavel de todas as grandes conquistas de civilisação, rarissimas vezes invocamos o nome dos que por ellas luctaram e por ellas trabalharam. A obra da liberdade não foi a obra de um dia. Cimentada primeiro nos campos de batalha, depois de todas as provações do exilio e de todos os sacrificios e de todas as incertezas da mais difficil das campanhas, foi depois levantada, assegurada e consolidada pela gradual, meditada e equilibrada reformação de leis, necessaria e logica consagração definitiva de novos principios. Foi das mais longas, e das mais difficeis tambem, essa nova campanha que se prolongou por muitos annos e que, influenciada pelas correntes revolucionarias e pelas resistencias contrapostas, teve egualmente as suas contrariedades e os seus perigos, para conjurar os quaes foram necessarios excepcionaes meritos de talento, de abnegação e de coragem. A historia do movimento liberal em Portugal, sob o salutar influxo das ideias democraticas, que tão profundamente emocionaram a Europa ao terminar-se a primeira metade d'este seculo, é realmente das que mais podem enaltecer e honrar o valor de uma geração. A revolução popular e patriotica que veio audaciosa e forte insurgir-se contra a olygarchia palaciana e pugnar pelos avançamentos da democracia, creando e fortalecendo o partido popular, iniciou no paiz uma nova era e a ella se deve o verdadeiro triumpho e o plenissimo dominio d'essa joven liberdade, que fôra a inspiradora, o ideial dos emigrados de Plymouth, dos voluntarios da Terceira e dos legionarios do Porto.

* * *

É d'esta prestimosa e benemerita geração o illustre homem publico cujo medalhão encima este despretencioso artigo e de quem especialmente me cábe escrever, por convite que de bom grado acceitei, justamente porque entendo que é para nós todos, homens novos, indeclinavel dever prestar homenagem aos que, antes de nós, com zelo e com dedicação nunca desmentidos, serviram á patria prestando-lhe o util e efficaz concurso da sua intelligencia, da sua dedicação e da sua sollicitude e lhe promoveram o engrandecimento e a prosperidade. Nascido em 1822, conterraneo de Bernardo de Sá Nogueira, o ardente patriota e o austero soldado, que foi a mais bella personificação da honra e da lealdade portugueza, destemido e immaculado como Bayard, brioso e altivo como Turenne, experimentado e audaz como Condé, conterraneo de Bernardo de Sá Nogueira, o sr. conde de Valbom,

Joaquim Thomaz Lobo d'Avila, iniciada a sua educação litteraria na primeira escola militar do paiz, entrou na vida publica por uma corajosa affirmação de sentimentos liberaes, no impulso generoso dos seus vinte annos, tomando parte na celebre revolta de Torres Novas, inicio da guerra declarada ao *cabralismo*. Com os seus companheiros d'armas foi para a praça d'Almeida onde se sustentou a lucta contra as forças do governo até que foi inevitavel a capitulação e a sua consequencia o exilio. Forçado assim a emigrar com os seus camaradas vencidos, foi para França, onde cursou e completou, com muita distincção, os cursos de economia politica, direito administrativo e engenheria civil. O seu espirito, naturalmente arreigado aos principios liberaes, mais se acrisolou sob a influencia das ideias que, n'aquella memoravel, época recebiam a mais sympathica e calorosa apotheose na grande capital, derramando a jorros por sobre o mundo a luz intensissima da nova democraticia. Regressando a Portugal, logo em seguida ao movimento da regeneração, filiou-se no partido historico e entrou na vida publica, desempenhando varias commissões de serviço e consagrando-se ao estudo d'algumas das mais palpitantes questões do dia. Data d'esta época a publicação das suas *Reflexões ácerca do contracto para a construcção do caminho de ferro de leste* (1853) em que poz em evidencia as suas qualidades de polemista habil e illustrado e a sua competencia profissional. Deputado da nação, tendo feito brilhantes provas como parlamentar, o sr. conde de Valbom (então simplesmente Joaquim Thomaz Lobo d'Avila, porque o seu titulo de conde data de 1875) foi pela primeira vez ministro em 1862, fazendo parte do *grande ministerio* do partido historico, como ministro da fazenda (21 de fevereiro de 1862 a 5 de março de 1865) que affirmou, de fórma tão notavel, o *liberalismo novissimo*, como lhe chama o erudito historiador o sr. Oliveira Martins, expulsando as irmãas da caridade, abolindo os morgados, instituindo o credito predial, extinguindo o monopolio do tabaco, reformando as alfandegas, franqueando a barra do Douro, inaugurando o primeiro grande caminho de ferro portuguez (Lisboa-Badajoz) etc.

Ministro interino das obras publicas, n'este primeiro periodo, voltou a sêl-o na effectividade e com a interinidade da pasta da guerra em 1869-70 (11 d'agosto de 1869 a 19 de maio de 1870). Orador facil e correcto, argumentador e polemista habil, o sr. conde de Valbom foi incontestavelmente um dos mais brilhantes parlamentares da sua época. Foi tambem um jornalista notavel, collaborando activamente na imprensa politica, escrevendo tambem com successo em muitos jornaes litterarios. Escreveu na *Gazeta do Povo*, na *Politica Liberal*, na *Revolução de Setembro*, na *Civilisação*, no *Atheneu*, na *Revista Universal Lisbonense*. Em assumptos de sua especialidade profissional tambem subscreveu interessantes artigos na *Revista de obras publicas e minas*. Em 1874 publicou em volume uma preciosa serie de *Estudos de administração*, trabalho que lhe serviu de titulo de candidatura a socio da Academia Real das Sciencias. Em 1876 foi nomeado ministro plenipotenciario e enviado extraordinario de S. M. F. junto á côrte de Madrid, missão que exerceu por alguns annos, conquistando e merecendo as maiores sympathias e mantendo valiosas relações com os homens mais eminentes do paiz visinho. Substituido annos depois, não tardou a ser nomeado para egual cargo junto ao governo da republica franceza, onde se conservou até 1890. Em Paris, como em Madrid, o sr. conde de Valbom foi sempre muito considerado e respeitado, não só pelos seus collegas do corpo diplomatico, mas tambem pelos diversos ministros da republica que lhe deram repetidas provas de consideração e de apreço. M. Grevy consagrava-lhe especial affeição e deu-lhe sempre os mais singulares testemunhos da sua sympathia. Na alta sociedade parisiense, entre os diplomatas, os politicos e os jornalistas, o sr. Conde de Valbom teve sempre um acolhimento tão cordeal como distincto e por vezes a imprensa, dos diversos matizes, lhe prestou homenagens as mais lisongeiras. Depois dos desastres de 1890, da queda do gabinete progressista, do malogro da situação regeneradora, que se lhe seguiu e quando começou a serie dos ministerios chamados extra-partidarios o sr. conde de Valbom fez parte da ultima situação presidida pelo sr. conselheiro João Chrisostomo (1891-92) como ministro dos negocios estrangeiros.

*
* *

Com quarenta annos de vida publica, par do reino, membro do conselho d'estado, vogal effectivo da junta consultiva de obras publicas e minas, tendo recebido as mais altas distincções dos governos do seu paiz e do estrangeiro, tendo vinculado o seu nome a refórmas importantes, sendo innegavelmente uma das grandes individualidades politicas da sua geração e do seu paiz, tendo incontestada reputação de homem de um talento superior e de uma illustração pouco vulgar, conservando inalteravel a vivacidade do seu espirito, gostando da politica, interessando-se n'ella e correndo-lhe jovialmente todos os riscos, mesmo os das inimizades e dos antagonismos pessoaes, o sr. conde de Valbom tem para mim uma grande virtude, que me faria perdoar-lhe bem os erros politicos que tivesse praticado, — não perdeu o enthusiasmo dos vinte annos no amor aos principios liberaes, que conserva hoje tão vivos como em 1843. Poderá ter transigido com os homens, nunca transigiu com os principios adversos aos

da sua escola. Poderá ter tido muitos desenganos com os homens, nunca os teve com essa liberdade forte, prestigiosa e dominadora, que lhe fez vibrar o coração nos felizes tempos da mocidade e pela qual soffreu corajosamente todas as provações até as do exilio. Ao cabo da sua carreira publica, tendo uma larga folha de serviços ao seu paiz, podendo ter o justo desvanecimento de haver attingido os mais elevados cargos por merecimento proprio, que nem os mais irreconciliaveis dos seus adversarios ousam contestar-lhe, o sr. conde de Valbom representa dignamente na camara alta portugueza aquella briosa pleiade de patriotas e de luctadores insignes, que teve a gloria de consolidar e assegurar a obra da liberdade definitivamente proclamada em 1834, pleiade por mais de um titulo illustrissima e que deixou nos fastos politicos do paiz vestigios perduraveis da sua acção e da sua influencia, não só pela proclamação e defensa dos principios democraticos, mas tambem pela larga e profunda refórma legislativa, que produziu e que constitue o seu mais bello titulo á benemerencia nacional.

* * *

E' impossivel, n'um artigo de jornal, escripto ligeiramente, sem pretensões a um estudo biographico-politico, esboçando apenas, ao correr da penna, os traços principaes da individualidade do sr. conde de Valbom, citar os seus principaes discursos, os trabalhos legislativos que mais assignalaram a sua iniciativa, os actos publicos que mais definiram a sua influencia na politica portugueza. Não caberia isso nos estreitos limites de uma publicação da indole da apreciada e apreciavel *Semana de Lisboa*. E por isso, para terminar estas desalinhavadas palavras, com que quiz modestamente prestar a minha homenagem ao liberal, ao parlamentar, ao estadista, ao diplomata e ao cidadão eminente, que com tão briosa dedicação patriotica tem cumprido todos os seus deveres, direi que o sr. conde de Valbom allia ás suas notaveis qualidades de homem publico os mais apreciaveis dotes de homem particular, de convivio captivador e attrahente, um verdadeiro espirito superior, de trato ameno e lhano, conhecedor perfeito dos homens e das cousas do seu tempo, cheio de reminiscencias qual d'ellas a mais interessante, sabendo invocal-as a proposito, fazendo a critica dos acontecimentos com aquelle atilado bom senso que só a experiencia dá e que fazem d'elle o mais espirituoso e o mais agradavel dos conversadores. Que mais dizer d'elle se, como ainda ha poucos mezes escreveu um dos mais brilhantes biographos de M. Gladstone, a biographia d'um contemporaneo é sempre incompleta, não só quanto aos factos, mas ainda mais quanto ao alcance d'esses factos, sendo necessario o decurso do tempo para collocar cada um no seu plano a fim de se lhe poder estabelecer a importancia relativa no conjuncto e tirar-lhe as consequencias, os effeitos da perspectiva moral.

AUGUSTO RIBEIRO.

No proximo numero, medalhão de Francisco Beirão. Artigo de Vicente Monteiro.

POLITICA SEM POLITICA

Alem do *lunch* de 300 talheres, que foi mandado preparar para as 430 pessoas convidadas para a inauguração solemne do *cabo dos Açores*, está, segundo ouvimos, preparada tambem uma graciosa surpreza por parte do governo. Um verdadeiro mimo de sobremeza!

Ao café, depois das congratulações solemnes, Suas Ex.as do Executivo improvisarão alguns telegrammas familiares, obrigados ao thema do *cabo*, o que derramará inexcedivel alegria em todos os circumstantes, louvando todos, não só o aproposito, mas as engenhosas faculdades recreativas dos nossos distinctos estadistas.

Eis o programma dos improvisos, hontem resolvidos em conselho.

Presidente do Conselho

Adjacentes e amigos! Eu, Hintze Ribeiro, do Conselho de S. M., e do meu proprio, aqui mesmo de Carcavellos vos envio muito saudar. Fui eu, e só eu, quem vos deu o cabo, e, se o não reconheceis, torno a mandar lá o vapor para o trazer.

Ministro do Reino

Cada um dá o que tem. Em materia de cabo, proponhome dar cabo dos republicanos, e no entretanto fui dando cabo do Pedroso de Lima, para que elles não dessem cabo de mim.

Ministro da Fazenda

Ao cabo de tantas amarguras cheguei, vi e venci... o ordenado de ministro! Por emquanto não venci mais nada. Mas hei-de vencer o cabo... da Boa Esperança que tenho de salvar a nação.

Ministro das Obras Publicas

Cabo da Boa Esperança, não! Cabo das Tormentas! Avisto-vos já.

Chamais-vos entre os mortaes — Companhia Real... e Obras do Porto!

Ai! Um cabo de salvação. Depressa. Um cabo de salvação!

Ministro da Marinha

Cabo de salvação, quem dera? Já me contentava com um cabo de ammarração, para suster esta galera d'estado em que nos embarcamos, afim de nos não perdermos ao menos da boia.

Ministro da Guerra

Todos os meus collegas dão cabo de alguma cousa.

Eu para dar *cabo*, dou-me a mim mesmo. Conceito: cabo de guerra.

Sobre o quê, os 430 se retirarão, como é de uso, devidamente penhorados com a amabilidade dos 300 talheres postos á sua disposição.

N. B. Quem convida é o governo. Quem paga o *lunch* é a Companhia. Inverosimil, mas authentico!

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

Dentro de poucos dias, a sociedade elegante, que, desde o começo do verão, se acha dispersa pelas estações thermaes do norte e por Cintra, principiará a affluir ás praias, onde ficará até fins do outomno, quando as *chrysantèmes* empallidecerem, annunciando o inverno.

Do castello da Pena, que os nevoeiros do mar envolvem já n'estas tardes frescas d'agosto, partirá a familia real para a cidadella de Cascaes; Sua Magestade a Rainha, Sr.ª D. Maria Pia, e o sr. Infante D. Affonso irão habitar o *chalet*, que a Rainha comprou ultimamente no Monte Estoril.

Todas as familias da nossa sociedade elegante se reunirão então n'essas duas praias, enchendo e animando as salas dos clubs, que em breve se abrirão para continuos bailes, batotas e *matinées*.

* * *

Emquanto por essas praias fóra se dansa com delirio, se joga com febre, se realisam regatas, se atira aos pombos e se passeia no mar, Lisboa, cidade poeirenta e pacata por excellencia, entra n'um periodo de loucura e de animação vertiginosa.

Dos sete theatros e dos tres circos que tem, só um theatro está aberto, e esse funccionando sem condições proprias para attrahir os espectadores.

Ha-de convir-se em que para capital de um reino civilisado e glorioso, um só theatro, pequeno e abafadiço, não é um grande attractivo para o visitante!

Começava, pois, Lisboa a murchar, a entristecer, a resignar-se aos passeios melancholicos ao longo da Avenida, quando, de repente, se annunciou o *Recreio de Lisboa*.

Foi inaugurado ha pouco tempo, n'um terraço que a cervejaria Jansen possue na rua do Alecrim.

Quatro mastros espetados n'um muro e do topo dos quaes pendem quatro bandeiras nacionaes, alguns globos de gaz e o som de uma orchestra desafinada, chamaram logo a attenção do transeunte. Para chegar ao terraço, que fica á altura de um quarto andar, era preciso subir uma alta escadaria de pedra, fria e soturna, como os degraus de uma crypta.

Nos primeiros dias, a luz dos globos, os mastros de bandeiras e o som da orchestra, fizeram estremecer de jubilo o coração do lisboeta e dispozeram-n'o a entregar-se ao prazer e á orgia de beber um copo de cerveja, ali, ao ar

FOLHETIM

O BEGUINO

«Não queres, pois, deixar-me entregue á minha estrella?» — disse D. Leonor, com voz entre de chôro e de ternura, abraçando pelo pescoço o pobre monarcha e chegando a sua fronte suave e pallida ás faces afogueadas de D. Fernando, que, n'uma especie de delirio, olhava espantado para ella.

«Não, não! Viver comtigo ou morrer comtigo. Cairei do throno ou tu subirás a elle.»

Um sorriso quasi imperceptivel se espraiou pelo rosto de Leonor Telles, que, recuando e tomando uma postura resoluta e ao mesmo tempo de resignação, proseguiu com voz lenta, mas firme:

«Então resta o fugir.»

«Fugir!» — exclamou el-rei. E só esta palavra era mais expressiva que narração bem extensa dos atrozes martyrios que o malaventurado curtia no coração irresoluto, mas generoso, com a idéa de um feito, vil e covarde em qualquer escudeiro, vilissimo e torpissimo n'um rei de Portugal, em um neto de Affonso IV.

El-rei olhou para ella um momento. Era sereno o seu rosto angelico, semelhante ao de uma d'essas virgens que se encontram nas illuminuras de antigos codices, o segredo de cujos toques, perdido no fim do seculo decimo quinto, a arte moderna a muito custo pôde fazer resurgir. O mais experto physionomista difficultosamente adivinharia a negrura d'alma que se escondia debaixo das puras e candidas feições de D. Leonor, se não fossem duas rugas que lhe desciam da fronte e se uniam entre os sobr'olhos, contrahindo-se e deslisando-se rapidamente, como as vesiculas peçonhentas das fauces d'uma vibora.

«Seja, pois, assim! Fujamos» — murmurou D. Fernando com o tom e gesto com que o suppliciado daria do alto do patibulo o perdão ao algoz.

D. Leonor tirou do largo cinto com que apertava a airosa cintura uma bolça de ouropel e atirou com ella aos pés do beguino, que, de mãos cruzadas sobre o peito e os olhos semi-abertos cravados na abobada do aposento, parecia extatico e engolfado nos pensamentos sublimes do ceu.

«Vinte dobras de D. Pedro por teu soldo, beguino: vinte pelo teu silencio. O resto da recompensa têl-o-has um dia, se a adultera atravessar triumphadora o portal por onde vai saír fugitiva.»

O rir affavel de que estas palavras foram acompanhadas fizeram correr um calafrio pela medulla espinal do ichacorvos, cujas pernas vacillaram. Mas o contacto das quarenta dobras, que uniu immediatamente ao peito debaixo do escapulario, lhe restituiu o vigor natural.

El-rei havia-se assentado, quasi desfallecido, no escabello unico do aposento, e o seu aspecto demudado infundia ao mesmo tempo terror

livre, sob a folhagem de um cedro. A cidade desceu em onda a rua do Alecrim; mas, ao chegar á porta e ao saber que a entrada no Recreio custava meio tostão, abriu os olhos, fechou a bolsa, recuou espavorida e refluiu para a Avenida! Caramba! Nem tanta loucura, nem tanto desperdicio!

Durante noites e noites, ficaram as mesas desertas e tocou a orchestra sem outros ouvintes além dos criados, que estacionavam mudos, de braços cahidos, esperando a chegada de um freguez! O emprezario, com uma astucia rara, comprehendeu a situação! Visto que o preço affugentava o publico, resolveu que a entrada fosse gratuita! Desde então, o *Recreio de Lisboa* começou a ser concorrido. Já os globos de gaz illuminavam com mais brilho, já as bandeiras fluctuavam e já a orchestra tocava com mais *entrain* e mais desafinação.

Os principaes frequentadores do *Recreio* são subditos allemães, quasi todos de oculos, e que ali vão com suas respectivas consortes e filhos beber o *bock* patriarchal. Sentam-se as familias em volta das mesas do terraço; e, em quanto os maridos, aproveitando a luz do gaz, lêem os seus jornaes, as senhoras, com uma placidez e uma resignação conjugal exemplares, permanecem mudas, contemplando a lua e chegando, de longe em longe, o calix da amargura e da cerveja aos labios.

As creanças passeiam tranquillamente, de mãos dadas, sob o vigilante olhar das mães. Fala-se pouco, e em voz baixa, como n'uma egreja.

Digam-nos se, depois d'este quadro, Lisboa não está divertida!

Os vastos e sumptuosos salões de ouro e purpura em que Balthasar dava os seus festins, não eram, de certo, mais estonteadores! O *Recreio de Lisboa* está apto para arruinar e perder a mocidade imprudente, que quizer lançar-se na orgia infernal da *sandwich* e do *bock*. Podia hoje, se lhe approuvesse, fazer esquecer as grandes e faustuosas devassidões de Niniva e Babylonia!

Ah! Lisboa, cidade de marmore e de granito, como estás civilisada e attrahente!

GRAZIEL.

A FONTE DOS AMORES

Em 1889, publicamos sob este titulo, a expensas do doutor A. A. de Carvalho Monteiro, um *florilegio poetico*, em que enfeixamos diversas poesias e trechos de outras relativas á saudosissima lenda da *Fonte dos Amores*. O ramo ficou incompleto; são muitas as flores que lhe faltam, e mãos de investigadores curiosos talvez já as tenham recolhido particularmente nos seus mimosos herbarios. Daremos hoje n'este logar mais alguns productos da nossa colheita, e se não deslumbram pela bellesa do colorido, nem estonteiam pela intensidade do perfume, tem ao menos o attractivo da especialidade.

Os dois primeiros sonetos, firmados por José da Natividade Saldanha, são d'um brazileiro, que nos ultimos tempos coloniaes cursou a Universidade. Era mestiço e o seu temperamento ardente, se resumbra alguma cousa nos seus versos, mais se patenteou nas suas ideias politicas. Natividade Saldanha foi um dos revolucionarios do Pará e um dos que hastearam a bandeira da Confederação do Equador.

Em 1822 publicou elle em Coimbra uma collecção de versos. Em 1875 fez-se nova edição das suas poesias, as quaes foram estampadas em Lisboa na Typographia Universal. É d'esta que extrahimos os dois sonetos.

Outro brazileiro contribue tambem para enaltecer a nossa corôa. Chama-se elle Francisco Villela Barbosa e formou-se na faculdade de mathematica na Universidade de Coimbra. Occupou o posto de major de engenheria no exercito portuguez, regentou na nossa Academia Real da Marinha, e passando depois ao seu paiz natal, ali exerceu elevados cargos politicos nos primeiros annos do imperio, alcançando o titulo de marquez de Paranaguá. Nos seus tempos de estudante publicou um volume de versos sob o titulo de *Poemas*, (Coimbra, 1794) e d'elle é que transcrevemos os dois sonetos, que adiante inserimos.

O soneto de Ferrás de Campos vem nas suas *Rimas* impressas em Lisboa em 1794. Diz uma nota que fôra feito

---

e compaixão. Quando o beguino alevantou a bolça, D. Fernando fitou n'elle os olhos e estendeu a mão para o reposteiro, sem dizer palavra.

Frei Roy curvou a cabeça, cruzou de novo as mãos sobre o peito e, recuando até á porta, desappareceu no corredor escuro por onde entrara.

Apenas os passos lentos e pesados do ichacorvos deixaram de soar, D. Leonor encaminhou-se para uma janella que dava para um vasto terrado e afastou a cortina que servia durante o dia de mitigar a excessiva luz do sol. A noite ia em meio do seu curso, como o indicava o mortiço das tochas, que mal alumiavam o aposento, e a lua, já no mingoante, começava a subir na abobada do firmamento, mergulhando no seu clarão sereno o brilho esplendido das estrellas. A janella estava aberta, e o escabello d'el-rei ficava proximo e fronteiro: o luar batia de chapa no rosto bello e triste de D. Fernando, que, embebido no seu amargurado scismar, parecia alheio ao que passava á roda d'elle e esquecido de que lhe restavam poucas horas para poder levar a cabo a resolução que tomara. Leonor Telles, encostada ao mainel da janella, poz-se a olhar attentamente. A cidade dormia, e apenas o ladro de algum cão cortava aquella especie de zumbido que é como o respirar nocturno de uma grande povoação que repousa. Lá em baixo, uma faixa trémula, semelhante a uma ponta de luz, cortava obliquamente o Tejo, d'onde mais largo se encurva pela margem esquerda. Os mastros de milhares de navios, emparelhados com a cidade, desde Sacavem até o promontorio onde campeava, fóra dos arrabaldes, o mosteiro de S. Francisco, formavam uma especie de floresta lançada entre a cidade e a sua immensa bahia. Desde o terrado para o qual dava a janella até o rio, o bairro dos judeus, pendurado pela encosta ingreme e fechado com travezes e cadeias nos topos das ruas, desenhava uma especie de triangulo, cuja base assentava sobre o lanço oriental da muralha mourisca, e cujo vertice, voltado para o occidente, se coroava com a synagoga, abrigada á sombra do vulto disforme da cathedral. Pouco distante do terrado, entre o palacio e a judearia, a claridade da lua batia de chapa em um terreiro irregular, rodeado de mesquinhas e meio arruinadas casas, que pela maior parte pareciam deshabitadas. No meio d'elle, o que quer que era se erguia semelhante ao arco de um portal romano. Parecia ser uma ruina, um fragmento de edificio da antiga Olisipo, que esquecera alli aos terremotos, ás guerras e aos incendios, e ao qual finalmente chegara a sua hora de desabar, porque uma alta escada de mão estava encostada á verga que assentava sobre os dois pilares lateraes e os unia, como se alli a tivessem posto para, em amanhecendo, os obreiros poderem subir acima e derribarem-no em terra.

Era para esse vulto que D. Leonor se pusera a olhar attentamente.

Depois voltou o rosto para el rei, que, com a cabeça baixa, os braços estendidos e as mãos encurvadas sobre os joelhos, parecia vergar sob o peso da sua amargura: contemplou-o com um gesto de compaixão por alguns momentos, e estendendo para elle os braços, exclamou:

«Fernando!»

(Conclue). ALEXANDRE HERCULANO.

d'improviso entre o auctor e outro individuo. É uma glosa ao verso de Camões: *As filhas do Mondego a morte escura*... Em alguns pontos ha imitação visivel de versos camoneanos, mas o imitador ficou bem longe do original. O verso do *bicudo arado* parece-nos singularmente bicudo e leva-nos a recordar com saudade aquell'outro: *Assim como a bonina que cortada*...

As quintilhas, finalmente são d'um poeta hespanhol, que esteve ha annos em Portugal.

I

A D. IGNEZ DE CASTRO

Debaixo d'esta pedra inculta e dura
Jaz de Pedro a consorte, Ignez formosa;
Jazem tambem com ella em paz ditosa
A innocencia, a virtude, a formosura.

Não foi a causa d'essa morte escura
Horrendo crime, culpa vergonhosa;
Seu delicto foi ser de um rei esposa,
Ser amada e amar com fé tão pura.

As filhas do Mondego o caso infando
Longo tempo chorando memoraram,
As madeixas subtis desentrançando.

O Mondego gemeu: os céos troaram;
E os Amores dos labios se apartando
As duras se tas pallidas quebraram.

AO MESMO ASSUMPTO, FEITO DE REPENTE NA QUINTA DAS LAGRIMAS EM 1820

Á sombra d'este cedro venerando
Momentos mil gosaste encantadores;
Aqui mesmo assentada entre os verdores
Te achou mil vezes Pedro suspirando.

Parece me que estou ainda escutando
Teus suspiros, teus ais e teus clamores;
Parece-me que a Fonte dos Amores
Inda está de queixosa murmurando.

Aqui viveu Ignez!... E reclinada
Á borda d'esta fonte clara e pura,
Foi (que horrivel memoria!) traspassada.

Mortaes! gemei de magoa e de ternura;
N'esta rara belleza não manchada,
Foi culpa amar, foi crime a formosura.

José da Natividade Saldanha.

II

Morreo Ignez mais bella, do que as flores,
E as Ninfas do Mondego, que isto virão,
Tristes em torno ao tumulo suspirão,
Que um cedro cobre com sombrias cores.

Ao espirar mil pallidos Amores
Da moribunda bôca lhe fugirão;
Outros porém ainda ali carpirão
Quebrando a aljava, e os duros passadores.

Compadecido hum aspero rochedo
Seu pranto recolhêo, que hoje em memoria
Brota huma fonte de saudade, e medo.

A morte aos que alli passão conta a historia,
E o triste viajante adora quedo
O sitio, onde acabou de amor a gloria.

Ali morreo Ignez; crime horroroso
Não foi a causa do desastre duro,
Que hum terno peito, hum coração tão puro
Só podia culpar-se de amoroso.

Matou-a o cego Amor, que o escrupuloso
Interesse movera do futuro:
Chorou a mesma Morte o caso escuro,
O Mondego gemeu no pégo undoso.

A sua sombra ainda fugitiva
Erra por este sitio, aos céos rogando,
Lhe dem aquelle, de que a morte a priva:

E d'entre estes penedos sussurrando
Huma fonte perenne se deriva,
Que o seu pranto gerou suave e brando.

Francisco Villela Barbosa.

III

AS FILHAS DO MONDEGO A MORTE ESCURA

Tirar Ignez do Mundo determina
O velho Affonso, de vingança armado;
E tres monstros crueis co'a Morte ao lado
Lá correm, lá se cumpre a lei ferina.

Da bella Ignez a face peregrina
Eis como o sol de nuvens affrontado;
Ou qual porque a feriu bicudo arado
Debruça o cóllo a candida bonina.

Do ausente Esposo em vão soccorro implora;
Os olhos lhe embacêa a Parca dura,
Foge carpindo Amor, que n'elles móra.

E em éco transformadas na Espessura,
De Ignez pranteão tristemente agora
As filhas do Mondego a morte escura.

Joaquim Severino Ferrás de Campos.

Pela transcripção, Sousa Viterbo. *(Conclue).*

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

O VESTUARIO

Muita gente ignora que o vestuario esteja, como está a alimentação, sujeito ás prescripções da hygiene.

Toda a gente sabe, por experiencia, que as materias organicas, vegetaes ou animaes, que se applicam ao corpo para o subtrahir á impressão de agentes exteriores, como o calor, o frio ou a humidade, teem o nome de vestuario. Todos sabem egualmente que o vestuario por si mesmo, affastado do corpo, não possue nenhum calor, e que o adquire posto em contacto com a pelle, facilitando n'este caso as funcções, e provocando a transpiração.

Ahi está, pois, indicada já a intervenção da hygiene, uma hygiene domestica ou privada, cujas leis são muitas vezes desconhecidas ou mal observadas, á mingua de conhecimentos elementares mas necessarios á sua applicação.

A hygiene do vestuario relaciona-se com as influencias que no nosso corpo exerce este ou aquelle estofo; esta ou aquella natureza de tecido; o córte ou feitio do mesmo vestuario.

A côr, considerada sob o ponto de vista do calor, do frio, da transpiração etc., etc., n'uma palavra, considerada sob o ponto de vista da sua efficacia ou dos seus inconvenientes, relativamente ao nosso bem-estar e á nossa saude, constitue tambem a hygiene do vestuario.

A hygiene do vestuario, propriamente dita, refere-se á natureza dos differentes productos ou materia prima que entram no fabrico dos

estofos assim como ás substancias chimicas que formam a base da sua tintura.

Se, entre estes productos, alguns ha inoffensivos outros ha que são menos salubres, podendo originar tanto na pelle como na respiração graves damnos: alterar até sensivelmente a saude, a ponto de, ao cabo de um uso prolongado, provocar a morte.

Toda a gente sabe tambem que a natureza do vestuario deve ser escolhida consoante o clima, a estação, o sexo e o temperamento da pessoa que o usa. O fim do vestuario é conservar e manter o calor do nosso corpo, apesar do contacto do calor ou do frio exterior.

O calor do vestuario não depende da espessura ou do peso, mas sim da côr e da natureza do tecido, e do seu modo de fabríco.

A lã, a seda, conservando melhor o calor do corpo, a graus differentes, são os estofos preferidos no inverno; emquanto que os vestuarios de linho, de canhamo e de algodão, por isso que facilitam a evaporação, são os melhores no estio.

No inverno, não é o effeito do calor da atmosphera que se deseja attrahir, porque esse calor não existe em relação á nossa temperatura; mas o que se quer evitar é o desperdicio do calor produzido pelo proprio corpo.

Emfim, todas estas particularidades, que á primeira vista parecem insignificantes, teem grande importancia na saude e na nossa vida. Encarrega-se de as estudar a hygiene, e bom é que todos as conheçam.

Anniversarios da semana

Domingo 27 — As sr.as: D. Maria José de Carvalho Lorena, D. Carlota da Silva Abranches, D. Thereza Gil da Silva Pereira.

E os srs.: Gustavo de Mello e Palma, D. Antonio de Castro, José Carlos Magalhães Pessôa.

Segunda-feira 28 — As sr.as: D. Maria Angelina da Natividade Pereira (Bertiandos), D. Maria do Carmo Emauz Roza, D. Francisca da Camara, D. Beatriz Soares Barreto, D. Maria de Vasconcellos Deiró do Quental.

E os srs.: Fernando de Vasconcellos d'Albuquerque Mousinho (Alvaiazere), Antonio d'Amaral Cabral Saraiva, Dr. Antonio da Motta Pedroso Barata dos Reis.

Terça-feira 29 — As sr.as: D. Gertrudes Luiza Ferreira Tavares (Cruzeiro), D. Maria Gertrudes de Sá Vasconcellos Ferreira, D. Francisca d'Almeida, D. Maria do Carmo Pereira d'Azambuja Mourão, D. Emilia Carlota Paes de Castro Lemos.

E os srs.: Marquez de Angeja, Conde da Serra da Tourega, Visconde da Calçada, Barão do Vallado (Augusto), Manuel Vaz Preto Geraldes, Carlos de Moraes Palmeiro (Regaleira), Joaquim d'Almeida da Camara Manuel, Emilio Cesar Brandão Paes Monteverde.

Quarta-feira 30 — As sr.as: D. Maria do Carmo d'Almada e Castro Villas Boas (Azenha), D. Mathilde Ibzael de Ornellas (Calçada), D. Maria Carlota da Costa Freire de Andrade, D. Livia Adelaide de Chaby, D. Maria Elisa Machado de Sousa e Silva Oliveira, D. Ernestina Freire de Andrade, D. Clara Liberali Branco Melicio, D. Anna Amelia de Mattos Fernandes.

E os srs.: Marquez de Penafiel, Antonio Pereira da Silva de Sousa e Menezes (Bertiandos), Julio Kopke Severim da Fonseca (Massarellos), Luiz Antonio Themudo.

Quinta-feira 31 — As sr.as: D. Maria José Machado Castello Branco (Figueira), D. Maria do Carmo de Noronha Torrezão, D. Maria Carlota Freitas de Seixas, D. Guilhermina Waddington Fernandes, D. Maria das Dores de Moura Mendonça Pessanha, D. Maria Amalia Mendes Leal, D. Laura Simas Pocariça.

E o sr.: Conde de Tarouca, Conselheiro Francisco Joaquim da Costa e Silva, Luiz do Rego da Fonseca Magalhães (Geraz de Lima), Manuel d'Almeida da Costa e Silva.

Sexta-feira 1 — As sr.as: D. Emilia Augusta Barba Alardo de Lencastre (Amparo), D. Maria Adelaide Pereira da Silva (Calvario), D. Maria Emilia Avelino Ferreira, D. Christina d'Araujo Gomes, D. Clotilde Franco Ferreira dos Santos, D. Maria Benedicta d'Albuquerque Vaz Napoles.

E os srs.: Fernando Corter de Sousa Pizarro (Bobeda), Manuel José Guimarães Pestana da Silva, Eduardo Egydio Costa Almada, Carlos Augusto Arbués Moreira, Frederico Villar, José Jiargi Pacini.

Sabbado 2 — As sr.as: D. Henriqueta de Menezes, D. Maria de Paiva Avelino, D. Anna Mafalda de Mesquita, D. Camilla Malheiros, D. Izabel Juliana d'Ornellas de Vasconcellos, D. Maria das Dores de Castro Pereira, D. Maria Candida d'Abreu Castello Branco, D. Maria Candida de Menezes.

E os srs.: Dr. João Baptista de Sousa Falcão, Dr. Antonio Abranches Ferreira da Cunha, Dr. Abel de Campos, Carlos Alberto da Silva Luz, Eduardo Egydio Ramos da Costa, Manuel Maria de Moraes.

EPHEMERIDES SEMANAES

19 — Chegada a Lisboa do poeta Antonio Feijó, novo consul em Stockolmo.

20 — Fallecimento do conselheiro Francisco Martiniano Arnaud chefe da primeira repartição de contabilidade publica.

22 — O *Diario do Governo* publíca despachos exonerando o commissario da 2.ª divisão sr. Pedroso de Lima, e os escrivães dos commissariados das 2.ª e 3.ª divisões.

24 — Effectua-se a experiencia do submarino Fontes Pereira de Mello.

25 — El-Rei assiste em Mafra aos exercicios de gymnastica, esgrima e tiro na escola pratica de infanteria.

THEATROS E CIRCOS

Os espectaculos entraram n'um periodo de melancholica apathia.

Partiu para Vigo a companhia de operetta italiana que era a unica que, n'estas ultimas noites, ainda attrahia espectadores.

As companhias portuguezas estão dispersas, umas no Brazil, outras em viagem pelas cidades e villas da provincia.

A chegada a Lisboa da actriz Pepa, que durante anno e meio esteve no Rio de Janeiro, colhendo applausos e prendas valiosas, constituiu o acontecimento da semana. Pepa apresentou-se de novo no theatro da rua dos Condes. Bastou annunciar-se a sua presença, para o theatro ser logo tomado pelos admiradores da graciosa artista. A sala e a frontaria do theatro foram guarnecidas com plantas e flores; e, apezar do calor, das disposições da casa, pouco convidativas para espectaculos no verão, não ficou um só logar devoluto.

O espectaculo era na realidade attrahente.

Quando Pepa desembarcou do vapôr e entrou na alfandega, teve que abrir as malas e mostrar as suas *toilettes*, as suas joias, as suas corôas, as suas rendas. Mas tudo isso que constituia a bagagem de uma mulher elegante não revellava a presença da artista. Esta só no palco, entre a luz da ribalta e da gambiarra, se podia apresentar. Foi o que effectivamente fez. Durante tres horas, foi como se estivesse mostrando ao publico as suas novas prendas.

Abriu a mala do reportorio, e fez passar ante os olhos e os ouvidos do publico todas as cançonetas aprendidas agora na sua longa excursão: as modinhas da Bahia, com o devido sutaque, os requebros dolentes das creoulas, o *Caluda José!* e tantas outras, em que se sente o calor, a indolencia, a preguiça e o quebranto dos caffesaes, nas horas de sesta em que as negras cantam, estiradas sobre o verdejante capim!

A cada nova canção, recebia Pepa os mais calorosos applausos.

O publico chamou-a repetidas vezes ao proscenio, e fez-lhe uma ovação enthusiastica.

Tambem foi chomado Sousa Bastos, o engraçado auctor do *Tim-Tim*, e ali foi victoriado.

Mas o espectaculo foi como um meteoro fugaz que passou.

O theatro voltou á escuridão, e Pepa e Sousa Bastos afivelaram outra vez as malas, partindo para o estrangeiro, onde vão fazer uma excursão de recreio.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.**
A livraria Gomes faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1